

A Potencia Turística nos Territórios Indígenas do Nordeste

Kleyton da Silva Rodrigues

RESUMO: O objeto de estudo do presente relato foram as diferentes comunidades indígenas de Pernambuco e da Paraíba, com o principal objetivo de realizar roteiros turísticos de forma sustentáveis nos territórios indígenas da região. A problemática em questão se dá pelo fato de que, apesar das potencialidades turísticas dessas localidades, o turismo não é uma fonte de renda para grande parte das comunidades indígenas analisadas. Por isso, além da realização de visitas técnicas no território Pankararu (PE) e Pipipã (PE), afim de analisar os possíveis equipamentos turísticos desses territórios, foi realizado também, uma observação participante no território indígena do povo fulni-ô (PE), e do Povo Potiguara (PB). Os resultados se resumem à uma análise crítica a partir das visitas técnicas realizadas em dois territórios indígenas, com implicações teóricas e práticas para a viabilidade da realização do turismo nessas regiões, e três experiências turísticas em 2 territórios distintos.

Palavras-chave: Turismo Indígena, Turismo Sustentável, Nordeste.

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério dos Povos Indígenas (Brasil, 2022), o Censo Demográfico do IBGE em 2010 contabilizou que no Brasil existem mais de 300 etnias. Dessas 300 etnias, 57 grupos indígenas estão localizados na Região do Nordeste (TerraVista Brasil, 2020). Pernambuco, tem a quarta maior população de povos indígenas do Brasil, sendo ao todo 10 etnias que vivem no Agreste e no Sertão Pernambucano. São eles, Truká, Atikum-Umã, Pankará, Pipipã, kambiawá, Pankararu, Tuxa, Kapinawá, Fulni-ô e Xukuru (G1, 2023).

A partir dessas informações surge o questionamento sobre a existência, ou não, das potencialidades turísticas nas comunidades indígenas localizados no Estado de Pernambuco.

O turismo indígena, quando feito de forma consciente tem a função de potencializar a cultura local, principalmente nos aspectos relacionados aos elementos ligados às danças, aos artesanatos, às pinturas, aos cantos, língua nativa, bebidas e comidas típicas, agricultura e muitos outros elementos que fazem parte da cosmovisão indígena (Neto de Jesus, 2014).

Ainda segundo Neto de Jesus (2014), o autor afirma que o turismo indígena possibilita formas alternativas de subsistência familiar para a sociedade residente nos territórios. Além disso, vale ressaltar que, para que o território indígena se constitua como um atrativo turístico, é preciso pensar em um conjunto de vivências que levem em consideração a realidade sociocultural desse determinado povo.

Então, o objeto de estudo deste relato foram algumas das comunidades Indígenas do Nordeste, inicialmente em Pernambuco e em seguida na Paraíba, com o principal objetivo de elaborar roteiros turísticos em parceria com diferentes etnias. Para isto, foi preciso identificar quais etnias consideram a possibilidade de receber o turismo em seu território no Estado de Pernambuco, para em seguida identificar os potenciais turísticos dessas diferentes comunidades.

As sessões abaixo constam, respectivamente, a caracterização do problemema e a relevância da experiência relatada. Bem como, a metodologia com as etapas e os passos realizados para a elaboração do roteiro turístico nas comunidades indígenas do Nordeste. Em seguida, nos resultados foram relatados todos os detalhes da experiência realizada, bem como, o local das vivências, as datas, algumas problemáticas e desafios enfrentados durante a elaboração da experiência, o público alvo, parcerias e considerações relevantes dos impactos sociais da experiência.

PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA

A experiência relatada pretende considerar se existem potencialidades turísticas significativas nas comunidades Indígenas localizados na região do nordeste, em específico no Estado de Pernambuco. A problemática em questão se dá pelo fato de que, apesar da diversidade cultural, da riqueza de tradições e das belezas naturais dos territórios indígenas, o turismo é pouco considerado nessas localidades.

METODOLOGIA

A princípio a experiência se desenvolveu a partir da constante negociação com Makairy Fulni-ô, que foi o principal responsável pela iniciativa de levar o turismo para o seu território. Essas negociações eram realizadas através da internet, via aplicativos de comunicação como WhatsApp e reuniões mais específicas via ligações ou Meet.

Durante as reuniões, aspectos culturais que poderiam, ou não, ser vivenciados nas experiências turísticas, foram consideradas. Ou seja, vale ressaltar que, tanto as possibilidades quanto as impossibilidades do roteiro foram devidamente analisadas, com especial atenção aos aspectos secretos da cultura fulni-ô que precisavam ser preservadas e respeitadas, não sendo incluídas no roteiro, a fim de colaborar de forma consciente com o que era permitido ou não para a cultura da comunidade. Por isso, todas as sugestões

foram previamente conversadas com o Cacique Fulni-ô, e se autorizadas, foram aplicadas posteriormente ao roteiro.

A partir da delimitação do roteiro a ser realizado, foi iniciada uma fase de divulgação nas redes sociais, que durante um período de 1 ou 2 meses anterior à viagem, o Instagram foi utilizado como a principal ferramenta de divulgação e venda do roteiro a ser realizado no território Fulni-ô.

Após a confirmação de todos os turistas interessados em participar da vivência, a experiência foi realizada com o Povo Fulni-ô. O sucesso da vivência permitiu a visita técnica em outras duas comunidades indígenas de Pernambuco, que tinham o interesse genuíno de realizar o turismo em seu território. Por isso, visitas técnicas foram realizadas no território do Povo Pankararu e Pipipã, a fim de analisar a potencialidade turística dos territórios. E por fim, a experiência turística foi repetida outras 2 vezes com o Povo Potiguara, localizado no Estado da Paraíba, que já tinham o roteiro pronto, antecipando parte de toda negociação, resultando apenas nos aspectos da divulgação.

Portanto, foi realizado um estudo de casos múltiplos, que envolveu mais de um caso analisado, com a principal vantagem de proporcionar um estudo mais robusto sobre o fenômeno específico que fora estudado (Silva, Mercês, 2017).

Para concluir, vale destacar também, o aspecto metodológico da observação participante, que consiste em uma vivência pessoal do pesquisador no evento analisado, com o objetivo de perceber e compreender aquele contexto analisado (Proença, 2007). Ainda segundo Proença (2007), a autora afirma que, durante a observação participante, o pesquisador deve tornar-se parte do universo analisado, para que seja possível entender os costumes e aspectos simbólicos daquela realidade.

A mesma metodologia foi aplicada nos três roteiros realizados, e apesar do roteiro turístico ser montado previamente, é importante mencionar que estava incluso na programação, visita às aldeias, onde foi possível observar o cotidiano da comunidade de forma autêntica sem a necessidade de interferência por parte do contexto turístico que estava sendo realizado.

RESULTADOS

A Natureza da experiência implementada foi a oferta de um produto turístico realizado em dois Estados na Região Nordeste, Pernambuco (PE) e Paraíba (PB). O local exato das experiências foi o município de Águas Belas (PE), onde está localizado o território

indígena do Povo Fulni-ô, e Baía da Traição (PB), onde está localizado o território do Povo potiguara.

O primeiro roteiro foi realizado nos dias 30 de Abril e 01 de Maio de 2022, uma experiência de 2 dias com uma imersão completa na cultura e tradição do Povo Fulni-ô.

Figura 1 – Montanha Sagrada do Povo Fulni-ô, o Canto dos Guerreiros



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O sucesso desta primeira vivência foi muito significativo, e por isso, um segundo roteiro, com algumas alterações, novas atividades inclusas e uma imersão ainda mais interessante na cultura fulni-ô foi divulgado com datas para os dias 04 e 05 de Junho de 2022. Esta segunda vivência foi cancelado devido às fortes chuvas que atingiram a Região Metropolitana do Recife entre os dias 28 e 31 de Maio. Neste dia o bairro do autor do presente relato foi atingido por deslizamentos, resultando em mortes de vários vizinhos, e por isso, foi decidido o cancelamento da segunda experiência.

**Figura 2 – Deslizamento de Terra dia 28 de Maio de 2022
na Vila dos Milagres Ibura, Recife (PE).**



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Após este período, uma visita técnica foi realizada nos territórios do Povo Pankararu, localizado no município de Petrolândia (PE), e Pipipã, no município de Floresta (PE). Ambas as visitas foram acompanhadas pelos líderes indígenas de cada povo, e o interesse principal era que a comunidade pudesse receber a mesma vivência turística em seu território. A princípio foi possível analisar o grande potencial turístico em ambas as comunidades, seja no aspecto no ecoturismo, como o do Turismo de Aventura também. O Povo Pankararu, conta com festividades tradicionais e o Povo Pipipã habita em uma localidade com construções ancestrais.

Figura 3 – Visita técnica com líder da Comunidade Pankararu e representantes da prefeitura de Petrolândia



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Apesar do grande potencial turístico observado na comunidade Pankararu, para receber o turismo como principal fonte de renda do Povo e do município de Petrolândia (PE), é preciso considerar os aspectos da infraestrutura da cidade, que impossibilitou a visita dos grupos de turistas ao território Pankararu.

**Figura 4 – Construção ancestral
localizada no território do Povo Pipiã**



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O povo Pipiã vive atualmente um processo intenso de resgate cultural, e por isso apesar dos atrativos ancestrais e misteriosos localizados no território, a falta de conscientização ambiental da própria comunidade poderia gerar impactos negativos aos possíveis visitantes, visto que, foi possível perceber uma grande quantidade de lixo no meio ambiente onde a comunidade reside. Por isso, apesar do grande potencial turístico do território, é preciso que o poder público esteja junto da comunidade com o principal objetivo de conscientizar as pessoas sobre a preservação da Terra Indígena.

Por fim, após as visitas técnicas em diferentes comunidades de Pernambuco, o segundo e terceiro roteiro foi elaborado junto com o Povo Potiguara, nativos da região da Paraíba. Uma experiência de imersão no Território Indígena da Etnia potiguara, foi realizado nos dias 18 de Setembro e 26 de Novembro de 2022. Dois roteiros com programações completamente distintas mas que tiveram um sucesso significativo para todas as pessoas que participaram das experiências ofertadas.

Figura 5 – Roteiro realizado com Povo Potiguara



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Vale destacar que, o público alvo desses roteiros não tinha uma delimitação específica, visto que, os roteiros foram divulgados nas redes sociais com o objetivo de atingir o maior número de pessoas possíveis. Além disso, foi possível perceber uma diversidade complexa de perfis de pessoas que tiveram interesse nesta iniciativa, indo desde crianças acompanhadas dos pais, jovens trilhaeiros, e até mesmo, senhoras de idade. Todos e todas puderam aproveitar ao máximo as trocas culturais dos roteiros ofertados e relataram os impactos positivos destas experiências, demonstrando que não se tem limitação para esse tipo de atividade turística.

Para o sucesso desta experiência é preciso citar algumas parcerias estabelecidas. Makairy Fulni-ô foi um dos principais responsáveis pela criação e desenvolvimento da experiência como um todo, e junto com ele, foi possível realizar o primeiro roteiro de turismo indígena dentro do território Fulni-ô. Além disso, é importante destacar que, o sucesso desta primeira vivência foi o que estimulou às visitas técnicas e as outras duas vivências realizadas na Paraíba.

Raoni Potiguara foi outra parceria firmada, responsável pela realização das vivências dentro de seu território localizado na Baía da Traição (PB). Guia de Turismo formado, trabalha em seu território ofertando visitas guiadas em diferentes localidades,

compartilhando um pouco de sua tradição, cultura e história de resistência do Povo Indígena Potiguara.

Além disso, outras percerias com diferentes etnias foram iniciadas, mas suspensas antes que fossem realizadas. Além do Povo Xukuru, os Kapinawás, aceitaram receber o roteiro turístico dentro de sua Aldeia. Localizada no município de Buíque (PE), o povo Kapinawa reside em um território onde se localiza o Vale do Catimbau, famoso por suas belezas naturais e um presente turismo de aventura. Apesar de já realizarem ecoturismo, o turismo indígena ainda não faz parte dos roteiros ofertados.

Por fim, existem algumas características que estão presentes nessas experiências e que devem ser mencionadas. Como por exemplo, a valorização do saber local, visto que, existe uma demanda turística nessas localidades, e o turismo feito de forma sustentável, considera os saberes dessas comunidades. Para realizar a experiência relatada no presente relato, foi preciso considerar as vozes das populações locais, a fim de minimizar ao máximo qualquer impacto negativo da atividade.

Uma outra característica é a possibilidade de replicabilidade da experiência. Foi possível perceber que a vivência realizada dentro do território Fulni-ô, que nunca tinha recebido um roteiro turístico, poderia ser replicado em outras comunidades também, que demonstraram interesse. Como por exemplo, os Xukuru, os Kapinawa, os Pankararu, os Pipipã. Todos esses povos indígenas de Pernambuco com potencial turístico relevante em seus territórios.

Vale destacar também, a possibilidade do desenvolvimento de uma organização de distribuição equilibrada do retorno financeiro realizado pela atividade. Tanto no roteiro realizado com os Fulni-ô, quanto no roteiro realizado com os Potiguara, o objetivo central da experiência foi beneficiar o maior número de famílias indígenas da etnia em que a atividade turística está sendo realizada. Venda de Artesnato, apresentação cultural, visita a espaços específicos, todas as atividades foram pensadas, elaboradas e realizadas com o objetivo de contribuir com diferentes famílias.

Além disso, é importante mencionar também, uma característica inerente às experiências realizadas, que é a viabilização e manutenção da preservação dos recursos naturais, não só daqueles nativos do território visitado, mas também, dos que visitam esses territórios. Visto que, respectivamente, os autóctones precisam realizar uma autogestão com o objetivo de preservação, para que o lugar seja atrativo turisticamente, além de que, como já foi mencionado, o turismo contribui para a preservação cultural dessas

comunidades, e essa cultura tradicional está diretamente ligada à preservação dos recursos naturais do território. E de forma complexa, os participantes das vivências voltam dessas imersões com uma consciência ambiental transformada devido à troca de saberes tradicionais, compartilhadas pelos indígenas.

E finalmente é importante mencionar a característica da interdisciplinaridade da experiência realizada. É possível envolver aspectos ambientais, culturais, históricos e até mesmo espirituais, dentro de uma experiência única que carrega consigo um potencial incrível de transformação sociocultural, e que envolve saberes de várias áreas de conhecimento, enriquecendo de forma exponencial a vivência ofertada.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E CONCLUSÕES

O presente relato se caracteriza como uma experiência inovadora, visto que, os fulni-ô, povo indígena do Sertão Pernambucano nunca tivera vivenciado uma experiência de turismo em seu território, e esse aspecto resultou em trocas significativas no contexto social dos visitantes e dos visitados também.

Além disso, vale ressaltar também que, vários impactos positivos foram observados durante as visitas realizadas nos territórios indígenas de Pernambuco e da Paraíba. Como por exemplo, o relato dos visitantes sobre afirmarem ter tido uma experiência transformadora no sentido da conscientização cultural do Brasil. Pode-se destacar também um aspecto maior de cuidado e respeito com a natureza a partir dessas visitas, sendo possível entender que, o contato com os povos indígenas resultou em um entendimento maior sobre a importância da preservação da natureza, bem como das culturas tradicionais do Brasil.

Tais impactos significativos também foram observados durante alguns relatos dos autóctones. Muitos Indígenas afirmam que ao serem visitados, eles têm a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a cultura dos “não indígenas”, e isso resulta em diversas desconstruções que se firmam nesses povos devido ao sofrimento histórico já sofrido, sendo possível reconsiderar perspectivas muitas vezes equivocadas a respeito das pessoas que têm interesse em visitar seus territórios.

Um outro aspecto importante a ser mencionado sobre a troca cultural do turismo em territórios indígenas é o fato de que, o turismo feito de forma consciente contribui para a preservação cultural dessas comunidades. Raoni Potiguara afirma que graças ao turismo, a comunidade em que o indígena cresceu, tem se firmado ainda mais no resgate cultural

